

Introdução

Daniell C. Dennett, filósofo americano, é Professor Titular de Artes e Ciências, Professor Titular de Filosofia e Diretor do Centro de Estudos Cognitivos na Universidade de Tufts (EUA). Sua preocupação principal é a filosofia da mente. Ele pretende fornecer uma explicação do funcionamento da consciência, harmonizando idéias de Wittgenstein, Ryle, Quine e resultados atuais da psicologia experimental. Por este motivo, ele pode ser descrito como um pensador que defende um certo tipo de behaviorismo através de: a) uma atitude cética com respeito ao discurso filosófico tradicional; b) um nominalismo meticuloso, que rejeita essências e verdades definitivas; c) um cientificismo otimista, que inclui a crença de que a melhor explicação do funcionamento da consciência será fornecido por uma abordagem dos seres humanos enquanto organismos biológicos sob pressões evolutivas. A abordagem de Dennett é não apenas naturalista, mas também funcionalista, no sentido de que os organismos humanos são máquinas biológicas cujo comportamento é controlado por seus cérebros. Tal funcionalismo está ligado a um interesse predominante nas relações e não nas propriedades. Isto quer dizer que as “propriedades” dos objetos tendem a ser tratadas como relações e que os objetos não são considerados em si mesmos, mas holisticamente, ou seja, em suas conexões com outros objetos. Em muitos aspectos, o pensamento de Dennett está próximo do de Rorty, do de Nietzsche e do de Derrida. O estilo de Dennett é extremamente fascinante. Ele é impressionantemente capaz de oferecer novas idéias de um modo que é acessível não apenas a filósofos profissionais, mas também ao grande público em geral. Isto é geralmente feito através de seu método de contar histórias elucidativas cheias de imaginação, que ele chama de ‘bombeamentos de intuição’ (intuition pumps), para tornar suas idéias claras.

Dennett nasceu em 1942, em Boston. Em 1963, formou-se como bacharel em filosofia na Universidade de Harvard. Obteve seu título de doutor (PhD) em 1965, tendo trabalhado sob a orientação de Gilbert Ryle (Universidade de Oxford - Reino Unido). De 1965 a 1971, ele ensinou na U. C. Irvine. Desde então, está ensinando na Universidade Tufts.

Os principais livros que publicou são: *Content and Consciousness* [Conteúdo e Consciência] (1969), *Brainstorms: Philosophical Essays on Mind and Psychology* [Tempestades mentais: Ensaio Filosófico sobre a Mente e a Psicologia] (1978), *The Mind's I: Fantasies and Reflections on Self and Soul* [O “Eu” da Mente: Fantasias e Reflexões sobre o Ego e a Alma] (co-editado com D. Hofstadter, 1981), *Elbow Room: The Varieties of Free*

Will Worth Wanting [As Variedades da Vontade Livre que Vale a Pena Querer] (1984), The Intentional Stance [A Postura Intencional] (1987), Consciousness Explained [A Consciência Explicada] (1991), Darwin's Dangerous Idea [A Idéia Perigosa de Darwin] (1995), Kinds of Minds: Towards an Understanding of Consciousness [Tipos de Mentes: Para uma Compreensão da Consciência] (1996), and Brainchildren: Essays on Designing Minds (1998).

A filosofia de Dennett está repleta de inovações teóricas, das quais Bo Dahlbom, na sua Introdução do Editor ao livro Dennett and his Critics - Desmystifying Mind [Dennett e seus Críticos - Desmistificando a Mente] (1995), faz a seguinte lista: a taxonomia das posturas, a teoria dos sistemas intencionais, a consciência do tempo, centros de gravidade narrativa, máquinas virtuais, padrões reais, rascunhos múltiplos, heterofenomenologia, efeito Baldwin etc. Por razões de espaço, somente alguns destes aspectos serão tratados aqui. A fim de fazer uma exposição mais ampla, embora breve, da filosofia de Dennett, desenvolveremos mais detalhadamente as idéias principais de seu método da heterofenomenologia, sua caracterização da 'postura intencional', seu modelo dos rascunhos múltiplos para explicar a consciência e sua perspectiva darwinista em filosofia.

Heterofenomenologia

No sentido de Dennett, a 'fenomenologia' envolve a descrição de qualquer coisa que pertença à nossa experiência consciente. A perspectiva usual, adotada pelos fenomenólogos tradicionais, é a *perspectiva da primeira pessoa*, de Descartes, na qual eu descrevo minha experiência em um monólogo que deixo outras pessoas escutarem, contando com a concordância de todos. Isto se baseia naquilo que Dennett chama 'a presunção da primeira pessoa plural': nós (outra pessoa e eu) podemos conversar confortavelmente sobre as coisas que ambos encontramos em nossas correntes de consciência. Mas a perspectiva da primeira pessoa é enganadora e gera erros. De fato, sabemos que a maior parte dos relatos feitos em tais condições estão sujeitos à controvérsia. Podemos estar enganados ou a respeito da medida em que nós pessoas somos todos basicamente semelhantes ou a respeito da confiabilidade da introspecção (ao invés de meramente observar os fenômenos internos, poderíamos estar teorizando sobre eles). Dennett recorre a uma interessante "visita ao jardim fenomenológico" para mostrar que temos algum acesso privilegiado à nossa experiência consciente, mas também que tendemos a pensar que estamos muito mais imunes ao erro neste campo do que realmente estamos. Por esta razão, ele sugere que deveríamos usar a *perspectiva da terceira pessoa*, do behaviorista, de acordo com a qual

somente fatos recolhidos “de fora” contarão como dados. Ora, os eventos mentais não parecem estar entre os dados da ciência. Mas isto não quer dizer que não possamos estudá-los de maneira científica. O desafio é construir uma teoria dos eventos mentais, usando apenas os dados permitidos pelo método científico.

Para realizar esta tarefa, Dennett oferece o método que ele chama ‘heterofenomenologia’. O método é neutro para investigar e descrever os fenômenos pertencentes à nossa experiência consciente. Ele envolve uma bateria de experimentos e observações para extrair e purificar textos a partir de sujeitos falantes. Tais textos são posteriormente usados para gerar uma hipótese teórica, o mundo heterofenomenológico do sujeito, que é habitado por todas as imagens, sensações, eventos e sentimentos que o sujeito aparentemente acredita com sinceridade que existem em sua corrente de consciência. Este mundo é um retrato neutro, nos próprios termos do sujeito, de como é ser aquele sujeito. Os dados coletados desta maneira correspondem a ‘objetos intencionais’ que devem ser considerados a partir da ‘postura intencional’.

A Postura Intencional

Inspirado pelos métodos de Ryle, Dennett tenta dissolver a abordagem tradicional da ‘intencionalidade’. Este conceito envolve a idéia de que a consciência é sempre consciência *de alguma coisa*. Assim, o traço principal de nossos estados mentais é o fato de que eles possuem um tipo especial de “conteúdo”. Neste sentido, sempre que pensamos, pensamos a respeito de tal “conteúdo”, que pode ser expresso por nossas crenças e desejos. É isto que faz com que nosso pensar seja racional. Por esta razão, a intencionalidade é concebida como uma propriedade essencial da consciência nos seres humanos.

Em um espírito ryliano, Dennett sugere que a intencionalidade não é tal coisa, mas apenas um modo de olhar para os seres humanos. Sempre que olhamos para eles desta forma, estamos assumindo o que ele chama de ‘postura intencional’. Esta pode ser definida como a estratégia de interpretar o comportamento de uma entidade *como se* ela fosse um agente racional cuja “escolha” de uma “linha de ação” é determinada pela “consideração” de suas “crenças” e “desejos”. A ‘entidade’ em questão pode ser uma pessoa, um animal, u’a máquina etc. Assim, se dizemos que um certo robô em movimento escolheu alterar o curso de sua trajetória para evitar chocar-se contra um obstáculo e sofrer algum dano, estamos assumindo a postura intencional com respeito ao robô.

De acordo com Dennett, há três modos diferentes pelos quais podemos observar uma entidade para compreender o seu comportamento. Primeiro, temos a *postura física*, que

consiste em considerar o comportamento da entidade com base nos princípios da física. Neste caso, a entidade é tratada como um objeto que reage de acordo com suas propriedades físicas (por exemplo, quando predizemos que uma pedra ao ser largada da mão de alguém irá cair ao chão). Segundo, temos a *postura de projeto*, que consiste em considerar o comportamento da entidade com base no seu projeto geral. Neste caso, a entidade é tratada como um objeto que reage de acordo com o modo pelo qual foi projetado para reagir. Não precisamos ter familiaridade com as leis físicas envolvidas (por exemplo, sabemos que um certo alarme cujos botões foram pressionados de um modo determinado fará um barulho depois de algumas horas, embora não precisemos conhecer as leis físicas envolvidas pelo alarme para realizar esta ação). Terceiro, temos a *postura intencional*, que consiste em considerar o comportamento da entidade com base em suas escolhas racionais. Neste caso, a entidade é tratada como um *sistema intencional* que escolhe uma dada linha de ação em função de seus fins (por exemplo, poderíamos considerar o alarme como nosso criado que recebeu o comando de nos acordar a uma certa hora; estaríamos então confiando em sua capacidade de compreender nossa ordem e reconhecer a hora exata de nos acordar). Podemos prever o comportamento do alarme como se ele fôsse um agente racional. A postura intencional é um atalho lingüístico útil em tal caso e revela toda a sua utilidade quando a entidade envolvida é mais complexa do que um alarme, digamos, um computador ou uma pessoa. Se isto é verdade, então a 'intencionalidade' não deve ser tomada demasiadamente a sério. Ela deve ser tratada como uma ficção útil e não como uma propriedade real da consciência.

O Modelo dos Rascunhos Múltiplos para a Consciência

De acordo com Dennett, embora o materialismo seja uma opinião que agora se aproxima da unanimidade, mesmo os materialistas mais sofisticados muitas vezes se esquecem de que descartar a *res cogitans* cartesiana envolve rejeitar a necessidade de um centro funcional para o cérebro. Assim, alguns materialistas descartam o dualismo de Descartes enquanto preservam a idéia de um teatro central onde tudo é reunido de alguma forma e a corrente de consciência ocorre. Esta abordagem, que está ainda baseada na idéia de que o cérebro possui um local central, pode ser chamada de 'modelo do teatro cartesiano'. Esta é uma metáfora muito útil e parece ser a maneira natural de explicar, por exemplo, a seqüência em que eventos podem ser observados, quando intervalos de tempo macroscópicos estão envolvidos. Mas quando se trata de intervalos de tempo microscópicos, o modelo enfrenta tantas dificuldades que deve ser abandonado.

De fato, suponhamos o estudo feito por Kolers e Grünau sobre o fenômeno fi (1976). Este fenômeno foi estudado primeiramente por Wertheimer (1912) e consistia em duas manchas separadas por um pequeno ângulo visual que eram brevemente iluminadas em sucessão rápida e que eram percebidas como uma única mancha movendo-se de um lado para outro. Em um experimento análogo, Kolers e Grünau usaram duas manchas de cores diferentes e inesperadamente observaram que a primeira mancha parecia começar a mover-se e então mudava sua cor abruptamente no meio de sua passagem em direção à segunda localização. Suponhamos que a primeira mancha seja vermelha e a segunda, verde. Neste caso, nossa consciência teria a seguinte ordem de experiências: primeiro vermelho, depois vermelho tornando-se verde e, finalmente, verde. Ora, isto gera um problema: como é o cérebro capaz de preencher a mancha de vermelho tornando-se verde antes que a mancha verde seja vista? O conteúdo ilusório, vermelho tornando-se verde, pode ser criado somente depois que alguma identificação da mancha verde ocorra no cérebro. Assim devemos concluir que nossa consciência do evento como um todo deve ser atrasada até depois que a mancha verde seja percebida. Mas Dennett argumenta que esta explicação ainda está baseada no teatro cartesiano.

Para explicar isto, ele apela a um experimento de pensamento. Suponhamos que alguém observe uma mulher passeando sem óculos, mas se lembre dela usando óculos. O teatro cartesiano oferece duas explicações rivais para isto: a) a revisão orwelliana, segundo a qual o sujeito efetivamente viu a mulher sem óculos, mas um instante depois sua memória foi revisada e então ele acredita firmemente que ela usava óculos; b) a revisão stalinista, segundo a qual o sujeito efetivamente teve uma alucinação de que a mulher estava usando óculos no momento em que a viu. As expressões 'orwelliana' e 'stalinista' foram usadas sob inspiração respectivamente da novela 1984, de George Orwell, em que o passado era revisado em função de interesses políticos, e da ditadura de Josef Stalin, na qual o presente era revisado através de julgamentos teatrais, envolvendo falsos testemunhos e confissões de mentira. Neste ponto, Dennet argumenta que estas não constituem possibilidades distintas, não importando o quão minuciosamente dividamos o tempo. Quando os intervalos temporais são suficientemente minúsculos, a distinção entre revisões da memória (orwellianas) e revisões perceptivas (stalinistas) se esfuma. Não podemos decidir o que realmente aconteceu com base do próprio testemunho do sujeito. Ora, se o modelo do teatro cartesiano fosse verdadeiro, esta questão teria uma resposta em qualquer ponto. Porque o modelo exige que haja um conteúdo que alcança primeiro a consciência: ou *mulher passeando* ou *mulher passeando com óculos*. Temos de reconhecer que o experimento implica que não há um "acessar a consciência" privilegiado. Assim, a questão a respeito de

qual explicação é correta, a orwelliana ou a stalinista, é equivocada e não tem resposta, uma vez que o início da consciência não ocorre num ponto preciso localizado no tempo.

A alternativa oferecida por Dennett é o modelo dos rascunhos múltiplos, segundo o qual todas as variedades de atividade mental são realizadas no cérebro por processo paralelos, de múltiplos caminhos de interpretação e elaboração dos dados sensoriais. Toda a informação que entra no sistema nervoso está sob contínua “revisão editorial”. Dennett ilustra isto lembrando que os movimentos de nossos olhos consistem em fixações rápidas, cerca de cinco por segundo. Isto significa que eles se movem muito mais do que nossas cabeças. Assim, as imagens em nossas retinas deveriam estar tremendo o tempo todo, como as imagens em alguns filmes caseiros, feitos por pessoas inexperientes. Mas não é isto que vemos. Os movimentos de nossas cabeças e nossos olhos são editados antes que alcancem a consciência. Os processos editoriais ocorrem durante grandes frações de segundo, em ordens diferentes e, durante este tempo, diversas adições, emendas e sobrescritas podem acontecer. Experimentamos diretamente os resultados da edição das nossas entradas sensoriais por nossos cérebros e não o que acontece nas fronteiras de nossas janelas sensoriais (retinas, tímpanos, superfícies da pele etc.). E um dado processo editorial é feito apenas uma única vez por uma porção especializada do cérebro. Não há necessidade de edição posterior, que seria feita por um editor “chefe” (o teatro cartesiano). Além disso, é uma questão aberta se qualquer conteúdo editado aparecerá eventualmente como um elemento constitutivo de nossa experiência consciente. Seria um engano perguntar *quando* tal conteúdo se torna consciente, porque o funcionamento do cérebro envolve muitas seqüências de conteúdos editados, que estão distribuídos simultaneamente em diferentes porções do cérebro. Todas estas seqüências estão sujeitas a processos editoriais contínuos e fornecem, no curso do tempo, algo *mais ou menos como* uma corrente narrativa: “em qualquer ponto no tempo há múltiplos “rascunhos” de fragmentos de narrativa, em vários estágios de edição, em vários lugares no cérebro “ (Consciousness Explained, p. 113). Alguns dos conteúdos nestes rascunhos não darão qualquer contribuição, alguns darão apenas uma pequena contribuição e se desvanecerão, alguns persistirão em desempenhar uma variedade de papéis na modulação posterior de estados internos e comportamento, e alguns persistirão mesmo ao ponto de revelar sua presença através do comportamento verbal. O modelo dos rascunhos múltiplos desvela o engano de supor que existe uma narrativa “final” ou “rascunho publicado”, que corresponderia à corrente de consciência efetiva no interior do sujeito. Mas como é que parecemos ser agentes conscientes singulares para nós mesmos e para outras pessoas? Dennett argumenta que a idéia de um “ego” resulta de nossa tática fundamental de auto-proteção, auto-controle e auto-definição, que

consiste em contar histórias a respeito de quem somos nós. Não fazemos idéia conscientemente e deliberadamente de quais narrativas contar e como contá-las. Mas não tecemos nossas histórias: antes, elas nos tecem. Nossa consciência humana é produto delas, não sua fonte. Estas narrativas surgem como se viessem de uma única fonte, encorajando a audiência a postular um agente unificado como se fôsse tal fonte. Ao fazer isso, a audiência está postulando um *centro de gravidade narrativa*. Os físicos levam grande vantagem ao postular um centro de gravidade para um objeto, um ponto único relativo ao qual todas as forças gravitacionais podem ser calculadas. Do mesmo modo, os heterofenomenólogos levam grande vantagem ao postular um centro de gravidade narrativa para um corpo humano que tece narrativas. Desse modo, a consciência humana é explicada em termos das operações duma “máquina virtual”, um tipo de programa que evoluiu e está evoluindo e que molda as atividades do cérebro. De acordo com o modelo de Dennett, o papel de um centro interior é desempenhado pelas redes cerebrais. Para que um conteúdo mental se torne consciente, ele tem que vencer uma batalha contra outros conteúdos mentais. E isso é tudo, no que diz respeito à consciência.

A Teoria da Evolução e suas Conseqüências

A teoria da evolução através da mudança constante e da seleção é uma outra ferramenta que Dennett usa para explicar a emergência de fenômenos complexos, como a consciência. Na verdade, ele pensa que descendemos de macromoléculas auto-replicadoras, cujos “pequenos fragmentos impessoais, irrefletidos, robóticos, inconscientes, de maquinaria molecular são a base definitiva de toda a ação e, portanto, significado e, portanto, consciência no mundo” (Kinds of Minds, p. 22). Nesta perspectiva, cada célula é tão inconsciente quanto um vírus, mas sempre que juntamos um número suficiente de células, obtemos uma pessoa consciente, com uma mente genuína.

O livro *Darwin's Dangerous Idea* [A Idéia Perigosa de Darwin] avalia as conseqüências da teoria da evolução na biologia, na ciência cognitiva e na lingüística, localizando todos os aspectos anteriores da filosofia de Dennett no interior de um quadro mais geral. De acordo com Dennett, a teoria de Darwin implica que os vários processos de seleção natural, embora basicamente irracionais, são poderosos o suficiente para tornar manifesto todo o trabalho de planejamento em nosso mundo. A perigosa idéia de Darwin está no fato de que todas as coisas que resultam da evolução podem ser explicadas como efeitos colaterais dum processo algorítmico. Existe um único e unificado Espaço de Projeto no qual todos os processos criativos, biológicos e humanos, seguem suas trilhas, usando

métodos similares. Nesta perspectiva, a biologia e a engenharia são a mesma coisa. Ambas estudam mecanismos funcionais, seu projeto, sua construção e sua operação. Uma vez que adotemos a perspectiva da engenharia, seremos capazes de explicar e unificar o conceito biológico central de 'função' com o conceito filosófico básico de 'significado'. A espécie humana difere de todas as outras em virtude de nossa confiança na transmissão cultural da informação, portanto, na evolução cultural. O meme de Dawkins, a unidade de evolução cultural, desempenha um papel poderoso na análise de Dennett da esfera humana. Memes são unidades de transmissão cultural, ou de imitação, tais como melodias, idéias, frases de efeito, moda etc. Os genes se propagam saltando de corpo a corpo através de espermatozoides ou ovos e os memes se propagam saltando de cérebro a cérebro através da imitação (Dawkins, R. *The Selfish Gene* [O Gene Egoísta], p. 206). Dennett pensa que os cérebros humanos são invadidos pela cultura, sob a forma de memes. Isto criou as mentes humanas. É a moldagem de nossas mentes pelos memes que nos dá o poder de transcender nossos genes egoístas. Um desses memes, o processo de gerar e testar, que é muito mais refinado do que o mero processo de tentativa e erro, leva a tipos de mentes mais poderosas, culminando no gerar e testar intencional de teorias por seres humanos. Neste processo, o papel desempenhado pela linguagem é fundamental. Os significados de nossas palavras resultam de processos originariamente irracionais, ou seja, processos algorítmicos que criaram toda a biosfera. Nesta perspectiva, Dennett pensa que mesmo a ética pode ser re-projetada em um sentido darwinista, manobrando com sucesso entre as armadilhas do utilitarismo e do kantismo.

Bibliografia

- Dahlbom, B. (1995). *Dennett and his Critics. Demystifying Mind*. Cambridge, Mass, and Oxford, Blackwell.
- Dawkins, R. (1978). *The Selfish Gene*. N. York and Oxford, Oxford Un. Press.
- Dennett, D. (1969). *Content and Consciousness*. London, Routledge and Kegan Paul and N. York, Humanities Press.
- Dennett, D. (1978). *Brainstorms: Philosophical Essays on Mind and Psychology*. Montgomery, VT, Bradford Books and Hassocks, Sussex, Harvester.
- Dennett, D. (1984). *Elbow Room: The Varieties of Free Will Worth Wanting*. Cambridge, Mass., Bradford Books/MIT Press and Oxford Un. Press.
- Dennett, D. (1987). *The Intentional Stance*. Cambridge, Mass, Bradford Books/MIT Press.
- Dennett, D. (1991). *Consciousness Explained*. Boston, Little, Brown.

Dennett, D. (1995). *Darwin's Dangerous Idea*. New York, Simon and Schuster.

Dennett, D. (1996). *Kinds of Minds: Towards an Understanding of Consciousness*. N. York, Basic Books.

Dennett, D. (1998). *Brainchildren: Essays on Designing Minds*. Cambridge, Mass, MIT Press.

Dennett, D. & Horstadter, D. R. (1981). *The Mind's I: Fantasies and Reflections on Self and Soul*. N. York, Basic Books and Hassocks, Sussex, Harvester.